
PAISAGENS AMAZÔNICAS: REPRESENTAÇÕES REPLETAS DE SENTIDOS

Klondy Lúcia de Oliveira Agra*

RESUMO: Neste estudo, com o objetivo principal de conhecer os sentidos e significados atribuídos pelo homem/mulher amazônico à paisagem e ao lugar, procurou-se pela definição de paisagem e lugar sob o quadro teórico da abordagem da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, com interface a Geografia Sociocultural. Para analisar essas relações do ser humano com o meio, utilizou-se de mapas mentais como uma forma de linguagem, ou seja, de inúmeros enunciados que nos permitiram ir além da referência ao lugar e ao mundo vivido, proporcionando uma observação ampla no contexto social e cultural em que esse sujeito está inserido e a que ele/a denomina de “meu lugar” na Amazônia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; Amazônia; lugar.

Índice

Introdução	1
1 A compreensão do sentido	2
2 O mundo vivido do amazônida: seu lugar	2
3 Resultados	3
3.1 Colaborador 01	3
3.2 Colaborador 02	4
3.3 Colaborador 03	6
3.4 Colaborador 04	7
3.5 Colaborador 05	7
Considerações Finais	8
Referências	8

Introdução

COM grande número de povos, diferentes linguagens e costumes, a Amazônia constitui-se em enorme etnodiversidade, razão pela qual desperta o interesse de diferentes pesquisadores com objetivos diversos. Tal etnodiversidade, além de ser composta por imigrantes de várias regiões do Brasil e de outros países do mundo, é formada,

principalmente, por povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e negros remanescentes com seus conhecimentos e riquezas culturais.

A fim de conhecer e compreender esse ser humano amazônico, primeiramente, fez-se a retomada da teoria sobre Sentido, Cultura, Linguagem, Memória, Identidade e Lugar, com um olhar atento à utilização desses conceitos com interesse ao viver amazônico.

A partir de estudos culturais, procurou-se, por meio de autores distintos, evidenciar que em estudos de paisagens diversas é necessário o olhar geográfico, com sentidos e significados da cultura observada. Isso porque a paisagem exprime concretamente a relação socioespacial produzida, reproduzida e transformada pelos agentes sociais nas relações entre esse agente social e o mundo e, por isso mesmo, faz da compreensão à cultura como o contexto e cenário construtor de sentidos e significados um fator essencial à pesquisa.

Ademais, destaca-se que os sentidos, embora natos, recebem as influências culturais e são formados por todos os modos de ações em que o indivíduo é situado no seio de uma cultura, no seu

*Klondy Lúcia de Oliveira Agra é Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR – Professora da Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

estar junto espacial e na comunicação. Essa paisagem geográfica que comporta sentidos e significados é compreendida, portanto, como um produto social, representado por agentes que lhe atribuem significados a partir de seus sentidos culturalmente construídos, formados em seus círculos de intersubjetividades e nas suas conformações identitárias (Berque, 2004).

Compreende-se, ainda, que os homens/mulheres amazônicos em diferentes modos de interação, pela comunicação, constroem sentidos que mudam conforme essas interações, mas que também permitem, através de suas memórias e sua identidade, apreciar o seu mundo vivido e fazer do espaço de vivência, cercado de água, o seu lugar.

1 A compreensão do sentido

Com o ser humano tomado como seu centro de interesse, a Geografia sente necessidade de (re)conhecer o seu mundo circundante, seus valores, seus marcadores, seus sentidos concretos. Assim, os estudos geográficos passam a integrar outros aportes na interface com os signos linguísticos de Ferdinand Saussure (1857-1913), a pragmática de Charles Sanders Peirce (1839-1914) ou reflexões teóricas filosóficas pelos estudos de Bourdieu (1930-2002), Heidegger (1889-1976), Husserl (1959-1938), entre outros.

Heidrich (2013), em seu artigo *Território e Cultura: Argumento para uma Produção de Sentido* apresenta a definição de sentido com base nos estudos sociológicos de Berger e Luckmann (2012, p. 15): “Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências”. A partir dessa compreensão, Heidrich complementa: “Qualquer objeto ou ação para os quais movimentamos nosso olhar aparece com importância e validade por causa do sentido humano que possui. Todo o mundo geográfico é impregnado de sentidos, tudo tem uma função e um significado”. (Heidrich et. al., 2013, p.53).

Estudos com aportes fenomenológicos como os de Tuan e Buttimer, assim como estudos advindos de outras bases teóricas, quando abordam a constituição do sentido, convergem a um só ponto: a cultura. Ou seja, o sentido é constituído culturalmente e, por isso, é um processo que está presente em todos os universos culturais.

Ademais, os sentidos humanos, embora façam parte da consistência humana, são sempre influenciados pelo contexto e cenário, ou seja, por serem constituídos culturalmente, é por meio desses sentidos que os seres humanos se relacionam com o

meio. Assim, cada homem/mulher, a partir de sua cultura, do seu mundo vivido, percebe o mundo exterior de formas distintas.

Por ser esse sentido culturalmente construído o condutor às percepções de formas distintas, é ele também quem conduz ao compreender ou não compreender, ao gostar ou ao não gostar. Fatores que conduzem as pessoas a verem somente o que interessa ou ao ouvir o que atendem seus próprios interesses. A cultura influencia fortemente a percepção do indivíduo, sua maneira de ver e sua maneira de pensar (Tuan, 2012). Portanto, o sentido culturalmente construído interfere também na valorização ou não dos elementos naturais.

O Homem/mulher vive a remoldar de sentidos e significações o mundo. Graças às situações e tensões culturais a que está vinculado, esse ser cultural cria, renova, interfere, dá sentido à sua existência.

2 O mundo vivido do amazônida: seu lugar

Neste estudo, as categorias de análise geográfica são vistas como formas de representação, sendo a paisagem um conceito que se coloca como um amplo espaço de intenções com sentidos e significado. Tais intenções se concretizam por meio dessas representações em que os sujeitos se projetam e descrevem suas experiências no seu mundo vivido. Por isso este estudo relaciona o conceito de paisagem à construção de identidade, exibida pela modificação da paisagem natural e a construção da paisagem cultural pelos seres humanos amazônicos observados.

A paisagem, portanto, se encontra relacionada à observação desse sujeito que a modela e a remodela. Um movimento que produz cicatrizes traduzidas por representações simbólicas que trazem sentido e significado ao seu lugar. Por isso a relação entre esses elementos “[...] torna também a paisagem apta a significar: ela se apresenta com uma unidade de sentidos, ela fala a quem a olha” (Collot, 1990, p.24). Para esse autor, esses sentidos são produto da visão, da existência e do inconsciente, elementos constituintes do sistema organizador da paisagem.

Esse é um entendimento da paisagem no sentido fenomenológico, ou seja, a paisagem é a representação do “[...] acúmulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas.” (Holzer, 1992, p.163). Se a paisagem é

portadora de atributos simbólicos, há vida nela e é preciso reproduzir os valores culturais para que continuem a ter sentido. Compreende-se, portanto, que a paisagem supera a expressão morfológica, a estrutura física e fornece ao homem, a partir de seus próprios sentidos, sentido à sua própria vida.

Para analisar essas relações do ser humano com o meio, esse mundo percebido pelos sentidos culturalmente construídos, que conduzem à significação, tornou-se necessário compreender como estavam estruturadas essas paisagens percebidas na mente desses humanos amazônicos, ou seja, como ocorre a construção das imagens mentais. Mapas mentais correspondem a uma forma de linguagem, ou seja, de inúmeros enunciados que permitem ir além da referência ao lugar e ao mundo vivido, proporcionando uma observação ampla no contexto social e cultural em que esse sujeito está inserido (Kozel, 2007, 136).

Na busca da compreensão desses mapas mentais, importante foi lembrar que a construção de uma imagem é proveniente da cognição associada à bagagem cultural. Essa bagagem cultural é constituída por experiências, valores, informações (sentidos construídos e especializados em uma determinada cultura), estabelecendo representações. Essas representações não existem à parte da leitura que se faz do mundo. Desse modo, compreende-se que esses mapas mentais também podem refletir um processo mental construído pelas pessoas ao longo de suas vidas. Uma representação integrada multimodal, ou seja, muitas representações coexistentes em uma mesma imagem.

Como se procurou conhecer os sentidos e significados atribuídos pelo homem/mulher amazônico à paisagem e ao lugar, levou-se em conta, também, que mapas mentais na percepção ambiental não devem ser vistos apenas como produtos cartográficos, mas como forma de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais. Um mapa não é a realidade e não nos deixa ver coisa nenhuma, mas ele nos permite perceber o que outras pessoas viram, acharam ou descobriram. Mapas, portanto, são, realmente, caricaturas científicas do fenômeno que eles representam. Os detalhes e a complexidade da realidade são selecionados, simplificados e, em seguida, enfatizados de uma maneira que eles apenas retratam o que o fazedor do mapa acredita ser essencial a respeito do espaço referido (Wood, 1992, p. 133). Mapas mentais, aqui, são entendidos como representações que revelam a ideia que as pessoas têm do mundo

e assim, vão além da percepção individual, refletindo a construção social.

Com o reconhecimento de que cada colaborador é um sujeito atuante na paisagem que integra e vivifica intensamente, acredita-se que a percepção individual se dá pelos seus sentidos construídos culturalmente, ou seja, são esses sentidos que permitem perceber, por meio da captação dos estímulos externos representados por essa subjetividade, o que está a sua volta de maneira particular.

Refletindo, desse modo, a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos que as produzem, perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo/ simbólico que se situa na base da relação sujeito/ signo/ imagem (Kozel, 2007).

As paisagens culturais dessas comunidades amazônicas são, portanto, aqui consideradas por esse ângulo e compreendidas não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos sentidos, valores, atitudes e vivências.

Na compreensão desse homem/mulher encontrado no espaço amazônico, contexto da pesquisa, utilizou-se o mapa mental como um aporte que reflete uma forma de linguagem, a ser lido e compreendido, um recurso metodológico de apoio ao conhecimento dos sentidos que cada um dos colaboradores(as) tem em relação a paisagem que o cerca.

No contexto comunicativo é que o sentido se constrói e adquire significações, por isso na compreensão de enunciados expostos, tanto nas narrativas como nos mapas mentais desses colaboradores amazônicos, a leitura é feita com o conhecimento do contexto comunicativo no qual os sentidos foram produzidos.

3 Resultados

3.1 Colaborador 01

O colaborador 01 nasceu em Porto Velho, filho de nordestinos, com valores e sentidos repassados por seus pais a partir da cultura nordestina. Morador do Bairro Triângulo, em Porto Velho, local onde construiu seus valores culturais, casou com moça portovelhense, também filha de nordestinos, criou 04 (quatro) filhos e contribuiu e ainda contribui para a modificação da paisagem natural e a construção da paisagem cultural. *Colaborador: F.C. S. – 60 anos, nascido no lugar. Lado direito do Rio Madeira. Bairro do Triângulo – Porto Velho.*

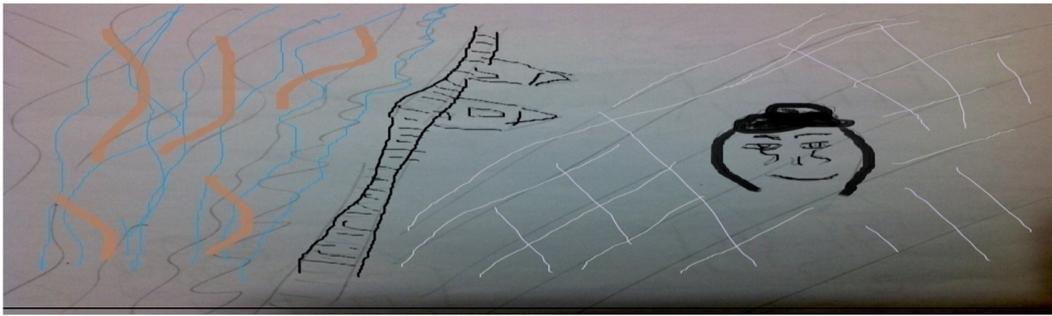


Figura 01. Mapa Mental 01 – Bairro Triângulo – Porto Velho – RO

Fonte: Colaborador F. C. da S. – 60 anos. Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água. Elementos da paisagem construída: casa, estrada de ferro. Elemento humano.

Nessa sua narrativa, proporcionada à pesquisa pela oralidade e pela imagem (figura 02), observou-se que esse colaborador nasceu inserido na cultura da comunidade pesquisada, construiu sentidos nessa paisagem cultural e, através desses sentidos, percebe o perigo: [...] Antigamente, a gente usava essa água para tomar banho, para beber, agora até o peixe que sai do Igarapé para desovar morre nessa água (se referindo ao Igarapé que deságua no Madeira), Algo tem de errado nessa água... Uma paisagem que ele ajudou a construir, ali constituiu família, educou os filhos, repassou sentidos e com eles valores. Agora, esse colaborador sente receio pela perda do seu lugar: [...] Meus filhos se empregaram na Usina... mas, ainda pescam... Eu esperava que pelo menos eles mantivessem o bairro, aqui já vi em vários governos retirarem gente. Meus amigos, nesta última leva, saíram daqui para morar no aperto, que casa que nada, um negócio fechado que daqui alguns dias cai tudo...

Com sua experiência pessoal, ele estrutura e dá o seu tom sentimental às paisagens e, pelos seus sentidos, percebe e vai da experiência aos propósitos enquanto sujeito. O conhecimento de mundo que esse humano amazônico adquiriu, com todas as suas possibilidades e limitações, permite-lhe fazer o reconhecimento de suas paisagens e, pela sua narrativa, expõe suas inquietações quanto às modificações por ele observadas.

Como sujeito ativo na paisagem cultural em que está inserido, ele expõe sua percepção e deixa que os seus sentidos natos (visão, tato, audição e olfato sejam orientados por sua cultura, a cultura ribeirinha, na vivência com o rio, nas movimentações das águas) venham à tona. Desse modo, pelos sentidos construídos culturalmente, esse indivíduo

se representa pelo seu discurso e demonstra a singularidade da sua percepção.

Na imagem do seu mapa mental há a representação do elemento natural: o rio, a presença humana representada pela figura do humano e pela paisagem construída: as casas e a estrada de ferro. Em sua resposta, esse informante representa o vazio de sua paisagem, seu lugar desterritorializado, com a água chegando às casas que restam. Esse humano amazônico representa, também, sua tristeza pelas lágrimas que correm no rosto percebido e representado, mostrando, desse modo, por sua representação simbólica, o que ele próprio sente e percebe: o seu lugar sem vida, sem árvores, sendo modificado pelas águas do rio e pela interferência humana.

No olhar da geógrafa pesquisadora, também fica a marca dessa cultura, ao observar a paisagem do homem que vive o rio. Ao analisar a cultura desse ser humano amazônico que, a partir da chegada de novos projetos em suas águas, teme a perda do seu lugar, de suas raízes.

3.2 Colaborador 02

Nascido no Amazonas, o colaborador 02 veio à região já adulto, portanto, com sentidos construídos em sua própria cultura. Com sentidos, percepções e representações sociais que lhe permitiam ver o mundo de uma maneira diferenciada das pessoas que aqui encontrou, conheceu sua companhia nessa comunidade, casou-se e constituiu família. Integrou-se à comunidade Niterói, construiu sua casa à beira do rio e nesse lugar tem construído seus sonhos. Com o casamento e a convivência no lugar, ele construiu sentidos na cultura da comunidade analisada e, pela interação e troca de saberes, também influenciou na construção de sentidos

de sua comunidade e na construção da paisagem cultural ali observada. Colaborador: A. I. P. – 47 anos, mora na comunidade há 25 anos. Lado esquerdo do Rio Madeira. Comunidade Niterói – Porto Velho.

Na fala desse colaborador, reconheceu-se sentidos, percepções e representações que indicam a o seu lugar, o seu mundo vivido. Uma paisagem geográfica, vivenciada e modelada de acordo com as relações simbólicas que vão sendo criadas na tessitura da superfície e, por isso mesmo, uma paisagem portadora de sentidos. Esse humano amazônico, pela sua narrativa, deixa claro que a paisagem natural constituída pelas águas está na base de suas representações e apresenta à pesquisa seus temores e anseios.

A paisagem observada e narrada por esse ser humano pertencente à Comunidade Niterói, mostra que suas representações a respeito da água estão delineadas, basicamente, por duas categorias: subsistência e temor. O sentido do ribeirão, seguro, conhecedor do seu lugar dá lugar ao temor ao novo empreendimento trazido pelo homem e suas variações com inundações fora do seu calendário, construindo novos sentidos, percepções e representações: As Usinas Hidrelétricas do Madeira.

Esse humano amazônico vê sua vida se modificar: [...] Muita gente se empregou na Usina, mas as mulheres acabaram arrumando outro marido e algumas deixaram até seus filhos para trás. E percebe sua subsistência se extinguir: [...] O peixe também não gosta de água suja, ele subia com as

águas mais limpas e, pela sua oralidade, demonstra seus sentidos percepções e representações e os fornece à pesquisa como um ser em busca de respostas e soluções aos seus temores na manutenção da sua paisagem natural envolta nas modificações de sua paisagem cultura.

A natureza que tecia a condição de sujeito nesse humano ribeirinho foi enfrentada e modificada. Suas escolhas de viver no lugar, de viver à beira do rio e ser produto e produtor dessa paisagem estão ameaçadas. A intimidade com a paisagem ribeirinha, que o permitiu escolher essas paisagens como o seu lugar, deixou de existir. Não há mais a segurança do lugar, tudo desmorona em volta, o barranco, as plantas, as famílias. O banheiro do tempo certo, agora aparece a qualquer hora, e faz com que o temor das águas passe a fazer parte de suas representações.

No mapa (figura 03), em perspectiva, esse colaborador utilizou de linhas e figuras para a representação da paisagem observada e vivida. Em sua resposta à pergunta: O que é sua comunidade para você? Ele expõe sua vida em relação à água, sua casa, suas plantas, sua criação, sua vizinhança. A identidade amazônica ribeirinha que constitui sua própria identidade.

Pela oralidade e pela imagem, esse colaborador expõe a sua interação com a paisagem, mas demonstra que, pelos seus sentidos culturalmente construídos, passa por uma crise de sentidos e se percebe que já não é o sujeito de transformação dessa paisagem.

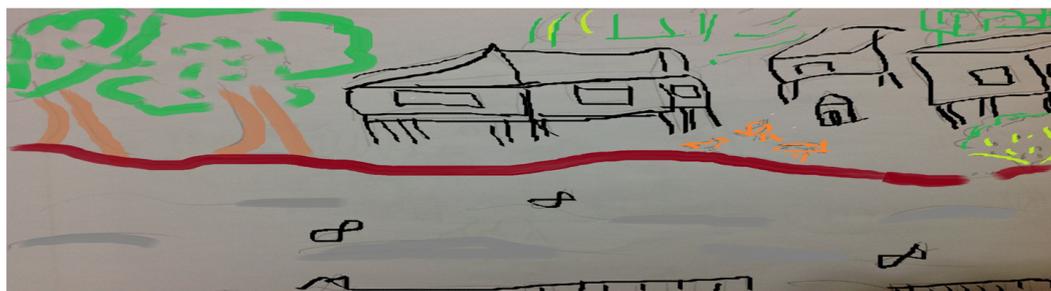


Figura 02. Mapa Mental 02 – Comunidade Niterói – Porto Velho – RO

Fonte: Colaborador A.I.P – Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, as galinhas, o lago, as árvores etc. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano, embora não seja evidente, está presente por suas diversas obras.

Mas sabe, também, que é sob a interferência objetiva e subjetiva do homem que essa paisagem é transformada. Através de sua percepção, sabe que

sua paisagem está sendo modificada e teme pela perda de seu lugar, não com revolta, mas silenciosamente, permanece na quietude e sobrevive:

Estou sobrevivendo. A gente não sai aí fazendo greve, bagunça nada, só fica aqui quieto, esperando...

3.3 Colaborador 03

Nascido em Rondônia, o colaborador 03 veio integrar as paisagens ribeirinhas do Rio Madeira aos sete anos de idade, filho de pais rondonienses, com sentidos construídos no lugar, vê perigos em sua água. Na comunidade São Sebastião, ele cresceu, constituiu família e educou seus filhos. Com sentidos construídos em sua comunidade tão próxima do viver urbano, especializa seus sentidos, reavalia-os no convívio e na comunicação com o urbano. Em uma crise de sentidos, ele descreve sua trajetória de vida e demonstra, por suas percepções, o receio do futuro incerto de sua água, do seu espaço, do seu lugar: [...] O futuro que eu vejo, se eles verem pro lado do pessoal da lei... Vendo pelo um lado a gente que é acostumado a viver na área ribeirinha, a gente que vê o que era a natureza, pra você ver hoje... A tendência é acabar. Se não tomar providência mesmo... Tendência é acabar.

Colaborador: J. R. R. F., 64 anos. Comunidade São Sebastião – Porto Velho. Mora na Comunidade há 57 anos.

Pela sua narrativa, nota-se que seus sentidos são ligados à água, como um condutor de vida à sua comunidade e ao seu viver. Mostra a influência da água nas suas relações e na sua sobrevivência, deixa vir à tona os seus sentidos, inquietações e temores. Percebe-se que ele próprio tem dificuldades em traduzir em palavras essas inquietações. [...] Não vejo nenhuma educação ambiental ou preservação... Esse lado aí nunca, nunca, nunca. Aqui eu moro desde mil novecentos e cinquenta e sete, né, nós estamos em dois mil e treze, então isso da parte do governo, prefeito aqui, nós não temos nada, né? Ainda que passou aqui fazendo análise da água ... Mas nunca passou resposta pra gente foi a Santo Antônio, né? Pegaram a água do igarapé, pegaram a água do rio, pegaram os peixe do igarapé, pegaram os peixe do rio, mas a resposta até hoje nunca nós tivemos, de chegar na nossa comunidade e dizer pra nossa comunidade “ Vocês pode consumir esse peixe? vocês pode consumir essa água?”, essa resposta nunca nós tivemos...

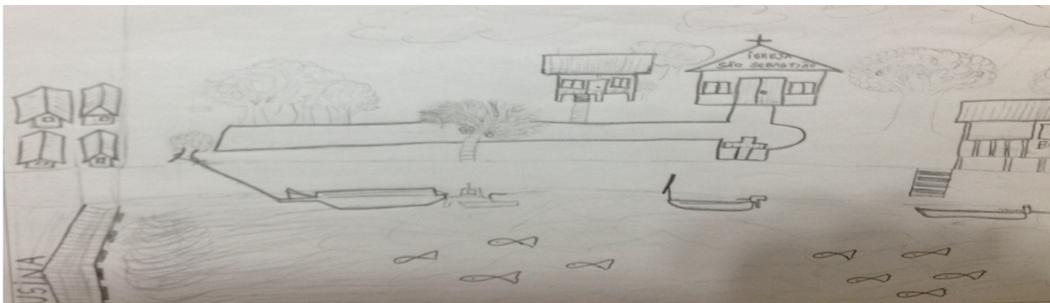


Figura 03. Mapa Mental 03 – Comunidade São Sebastião – Porto Velho – RO

Fonte: Colaborador J.R.R.F. Ícones: linhas, figuras geométricas, letras. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, árvores. Elementos da paisagem construída: casa, igreja, barcos, usina. Elemento humano está representado por suas diversas obras: usina, casas, barcos etc.

Em seu mapa mental (Figura 04), ele utilizou linhas, figuras geométricas e letras, com elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, árvores que se juntam com os elementos da paisagem construída: casa, igreja, barco e a usina, tão presente em suas percepções. Ele expõe sua vida em relação à água, com toda a importância dada a ela em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e seus temores.

Na decodificação desses signos que formam esse diálogo, ele expõe não somente suas repre-

sentações individuais, mas sim as representações coletivas, de valores, sentidos e significados compartilhados na rede de relações dessa comunidade.

Sentidos construídos na beira da água, com valores construídos nessa comunidade, o lugar escolhido por seus pais para criá-lo e criar seus irmãos, hoje, só lhe traz a certeza de que o seu horizonte concreto não existe mais. Em sua narrativa, esse homem amazônico demonstra que não vê mais a segurança em seu lugar, ao contrário, a aderência que antes lhe garantia o equilíbrio de suas paisa-

gens, a sua rotina de vida, está desabando e suas perguntas continuam sem respostas.

3.4 Colaborador 04

Proveniente de comunidade rural do Amazonas, a colaboradora 04 trouxe os filhos para a beira do Rio Madeira e na Comunidade Maravilha (figura 5) os criou. Já viveu com seus filhos na área urbana, mas deu preferência ao viver nesse espaço, onde o rural prevalece e a paisagem natural ainda predomina. Colaboradora: M. D. T., 68 anos. Comunidade Maravilha – Porto Velho. Moradora da comunidade há 05 anos.

Com o seu particular de vida, com suas parcas

produções agrícolas e pequenas criações, ela percebe, também, que o seu mundo vivido não está mais seguro: O rio Madeira aqui está meio feio. Porque está caindo tudo à beira do rio, tudo o que a gente planta. Mas, como os outros colaboradores, insiste e permanece no lugar.

Em seu mapa mental (figura 05) ela expõe sua vida em relação ao lugar, com toda a importância em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e sua identidade enquanto um ser humano que lida com a terra, planta e cria. Com a água a seu dispor, fazendo da beira do rio o *seu lugar*: [...] Eu moro aqui porque eu gosto. Eu gosto de plantar, criar minhas galinhas. Ter as minhas criações, minhas plantas, eu gosto...

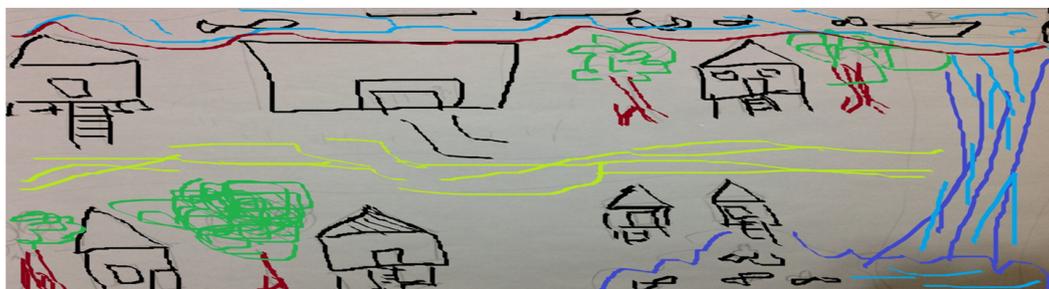


Figura 04. Mapa Mental 04. Comunidade Maravilha – Porto Velho

Fonte: Colaboradora M.D.T. Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, o lago, as árvores etc. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano e suas diversas obras: casas, escola (embora não evidenciada) etc. (2013)

3.5 Colaborador 05

Nascido no Paraná, o colaborador 05 trilhou caminhos diversos até chegar a Rondônia. Com sentidos interculturais, ele escolheu o Bairro Triângulo guajaramirense para fazer o seu lugar. Apresentou a dimensão de sua experiência e de sua vivência não só em rios amazônicos, mas em rios brasileiros de vários Estados. Colaborador: R. F. C., 72 anos, mora na comunidade há 38 anos. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim.

Com a naturalidade da sua fala e a complexidade do seu mapa mental, ele procura se expressar e mostrar os elementos do seu mundo vivido peculiares à sua história de vida e a sua relação íntima com o lugar, sem deixar de lado a família, o

trabalho, o aprendizado sobre o rio, as suas experiências, as dificuldades diárias, os conflitos, o seu olhar sobre as belezas e mistérios das águas, os encantados do rio com suas peripécias, problemas ambientais existentes e aspectos culturais e sociais diversos.

Em toda sua narrativa, esse colaborador deixa claro a sua preferência pelo viver à beira do rio. Com sentidos construídos em comunidades diversas, chegou a Guajará-Mirim, instalou-se no bairro Triângulo há 38 anos e ali ficou, modificou e integrou-se em paisagens e auxiliou na construção de novos sentidos no lugar. [...] A natureza tá na beira d'água. Na cidade não tem natureza, natureza na cidade é poluição e eu de cidade não gosto. Hoje, estou aqui, mas na beira do rio.

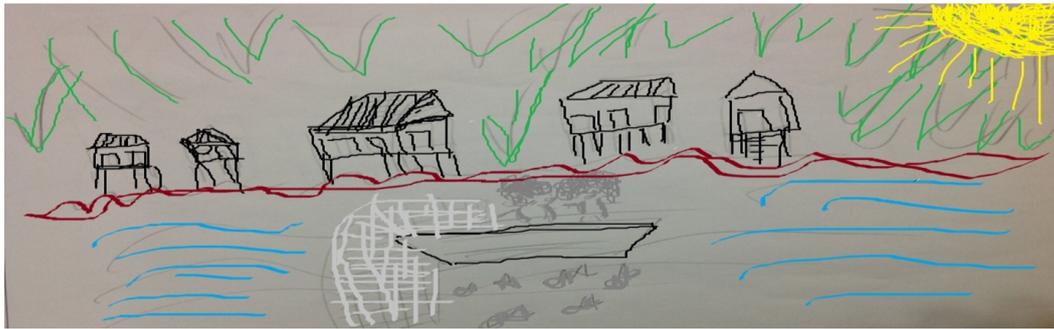


Figura 05. Mapa Mental 05, Comunidade Colônia dos Pescadores do Bairro Triângulo – Guajará-Mirim/RO

Fonte: Colaborador Paranazinho (R.F.C.). Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano está presente, assim como suas diversas obras: casas, barcos etc.

Com a sua narrativa alicerçada à beira da água, esse colaborador não tem dificuldade em falar das suas sensações, do seu deleite ao sentir a água em sua vida. Ele expressa seus sentimentos com o lugar, o seu lar, o modo de ganhar a vida e mostra seus laços com o meio ambiente e com o seu entendimento de mundo, numa intensa relação de amor e de vida com a água que o cerca.

Em sua resposta à pergunta (figura 06), ele expõe seu mundo vivido, sua relação de amor e conforto em relação ao seu lugar, com toda a importância dada a ele em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e sua identidade enquanto ser humano que na água e na pesca moldou sua identidade. Uma imagem proveniente da cognição associada à bagagem cultural que ele possui.

Uma bagagem cultural constituída por experiências, valores, informações (sentidos construídos e especializados em culturas diversas) que estabeleceram representações, as quais, não existem à parte da leitura que se faz do mundo. Desse modo, esse colaborador, pela oralidade e pela imagem permitiu a análise de seu íntimo, sua reflexão mental construída ao longo de sua vida. Uma representação integrada multimodal, ou seja, muitas representações coexistentes em uma mesma imagem.

Considerações Finais

Ao buscar pelos sentidos e significados atribuídos pelo homem/mulher amazônico à paisagem e ao lugar, com o aporte dos mapas mentais, procurou-se pela sua percepção ambiental. Essa busca possibilitou conhecer os pensamentos, atitudes e valores que assumem formas diferenciadas, com varia-

ções de amplitude emocional e intensidade, percepções que, justamente por se originarem nos sentidos culturalmente construídos, percebem o que esses sentidos permitem perceber.

A cultura influencia na forma de perceber, de formar uma visão de mundo e de desenvolver atitudes em relação ao ambiente encontrado, por isso observou-se que as comunidades de Porto Velho e de Guajará-Mirim possuem percepções, o que fica exposto em suas narrativas. Isso se deve aos sentidos culturalmente construídos que, por possuírem características culturais diferentes, interferem no modo de perceber o ambiente, na forma de organizar o espaço e o lugar. É esse sentido que faz da percepção algo muito subjetivo, intrinsecamente ligada ao mundo vivido dos sujeitos e na construção do que eles(as) chamam de *meu lugar*.

Referências

- Berque, A. (2004). Paisagem Marca, Paisagem Matriz: elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In R. L. Corrêa & Z. Rosenthal (org.), *Paisagem, tempo e cultura* (pp. 84-91). 2 ed. Rio de Janeiro: UERJ.
- Kozel (2007). Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas. In S. Kozel S. et al (org.), *Da percepção e cognição à representação* (pp. 114-13). São Paulo. Terceira Margem.
- Heidrich, Á. L. et al (orgs.) (2013). *Maneiras de ler: geografia e cultura* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura.

Holzer, W. A (1992). *Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Rio de Janeiro UFRJIPGG.

Tuan, Yi-Fu (2012). *Topofilia – Um estudo de per-*

cepção, atitudes e valores do meio ambiente (Trad. L. de Oliveira). São Paulo: DIFEL.

Wood, D. (1992). *The power of maps*. New York: Guilford Press.